

Homilia para a celebração do 34º Dia Mundial do Doente

Santuário de *Nuestra Señora de la Paz*, Chiclayo, Peru

11.02.2026

Card. Michael Czerny S.J.

Leituras: 2Rs 20, 1-6; Sal 102; Tg 5, 13-16; Mt 8, 5-17

Queridos irmãos e queridas irmãs,

É para mim uma alegria e uma honra poder transmitir a saudação e as palavras do vosso Bispo e nosso Santo Padre para a celebração do 34º Dia Mundial do Doente, que se celebra solenemente aqui, em Chiclayo, no Peru.

O Papa Leão, particularmente ligado a esta terra pelo ministério de missionário e de bispo vivido durante vários anos entre vós, na sua Mensagem para este dia faz referência precisamente a essa experiência pessoal de vida como uma ocasião em que pôde constatar «como muitas pessoas partilham a misericórdia e a compaixão», ao estilo sugerido pela parábola do Bom Samaritano – ícone bíblico deste Dia. Caríssimos, esta indicação parece-me particularmente significativa também para nós: o amor que assume e carrega a dor do outro – no centro da Mensagem do Papa – nunca pode ser apenas uma ideia, resultante de reflexões teológicas ou sociológicas abstratas; *só se pode falar desse amor a partir da própria experiência e da fé pessoal, da memória viva das vezes em que constatámos esse amor «em ação»*. Aprendendo, portanto, com o Santo Padre, também nós nesta Eucaristia queremos apresentar ao Deus da Vida, a nossa gratidão por todas as vezes em que, de algum modo, fomos tornados participantes desse amor que cura e que salva! Ao longo desta trajetória, não estamos longe dos muitos rostos e nomes que preenchem as páginas da Sagrada Escritura que acabámos de proclamar: daqueles que viveram pessoalmente a experiência da cura – como Isaías, o Salmista, o centurião e tantos outros. Se há um fio condutor

que une todas estas personagens bíblicas — e cada um de nós com elas! — *é precisamente a experiência daquele amor divino que, «carregando a dor do outro», pode dar vida, saúde e salvação. Unidos pela experiência da dor e do amor que cura*, podemos assim reconhecer-nos também nas palavras que Leão XIV nos confiou na sua Mensagem: «No Um ser um supõe sentirmo-nos verdadeiramente membros de um corpo no qual carregamos, segundo a nossa própria vocação, a compaixão do Senhor pelo sofrimento de todos os homens. Além disso, a dor que nos comove não é uma dor alheia, é a dor de um membro do nosso próprio corpo, ao qual a nossa Cabeça nos manda acudir para o bem de todos».

Assim, a partir daqui, gostaria de me deter em três aspetos que a Palavra de Deus e a Mensagem do Santo Padre nos sugerem.

Antes de mais, se o amor que cura é — e deve ser — uma experiência pessoal, ele apresenta-se sempre, a partir de quem escolhe assumir a dor do outro, como *um verdadeiro caminho de «conversão»*. Penso no profeta Isaías que, na primeira leitura, quase que em consonância com a «mudança» de Deus em relação a Ezequias, primeiro anuncia a este a morte iminente (cf. 2 Rs 20, 1); depois, quando já está para se afastar, é chamado a voltar atrás para levar ao rei, da parte de Deus, uma notícia completamente diferente, que lhe devolve a esperança de cura e de vida (cf. 2 Rs 20, 4-5). Sim, caríssimos: o amor é um processo de conversão, no sentido mais autêntico do termo! Trata-se de «olhar com os olhos de Deus», de não se contentar em proclamar friamente profecias nefastas ou anunciar diagnósticos trágicos, mas — antes — de estar sempre disponível para inverter o próprio rumo, para se inclinar com esperança, mais uma vez e sempre, sobre o outro! Como escreve o Papa, a partir de uma citação de Santo Agostinho, «ninguém é próximo de outro enquanto não se aproxima voluntariamente dele. [...] O amor não é passivo, mas vai ao encontro do outro; ser próximo não depende da proximidade física ou social, mas da decisão de amar». *Peçamos hoje ao Senhor este primeiro dom: torna-me próximo do outro, para que seja capaz de «converter-me» a ele, de deixar que a sua dor — a qual quero carregar —*

mude radicalmente o rumo dos meus sentimentos, dos meus pensamentos, dos meus projetos! Assim, poderei aprender – segundo as palavras do Pontífice – que «a participação pessoal nos sofrimentos do outro implica dar-se a si mesmo, supõe ir mais além de satisfazer necessidades, para chegar ao ponto da nossa pessoa ser parte do dom».

Um segundo aspeto digno de nota, refere-se, portanto, à *partilha da missão no cuidado dos doentes*. O Santo Padre detém-se amplamente neste ponto na segunda parte da sua Mensagem, na qual afirma a «*dimensão social*» da compaixão, mostrando como «esta experiência, que se realiza num entrelaçamento de relações, ultrapassa o mero compromisso individual». A este respeito, gosto de fazer referência às preciosas indicações que o apóstolo S. Tiago nos dá hoje na segunda leitura: «Se alguém entre vós estiver doente, chame os presbíteros da Igreja, e estes orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor» (Tg 5, 14); e ainda: «Confessai os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros para serdes curados» (Tg 5, 16). Nestas palavras – que podemos reconhecer como o pano de fundo dos chamados «sacramentos da cura», que hoje celebramos neste santuário, sobretudo em benefício dos mais frágeis e feridos – é possível encontrar sinais da eficácia deste «princípio comunitário» na ação eclesial de cuidado pelos enfermos. Gosto, pelo menos, de evocar, nesta memória de Nossa Senhora de Lourdes, o que acontece no interior daquele Santuário, carregado da dor e da esperança de salvação de tantos homens e mulheres. Na diversidade dos ministérios ligados às necessidades de cada doente, juntos eles podem oferecer muito mais do que, à primeira vista, se poderia esperar de cada um individualmente. Neste aspeto, Maria continua a ensinar-nos: tal como em Caná, também em Lourdes, também em todo lugar de sofrimento, ela nos repete: «Fazei tudo o que ele vos disser» (Jo 2,5); fá-lo com a doçura e firmeza maternal de quem, ao convidar-nos a dar as mãos aos outros, nos confia novamente a missão de unir a nossa dedicação pessoal à de todos aqueles que desejam responder ao chamamento divino à compaixão e ao cuidado. Só assim Deus pode ainda atender às necessidades de tantos, exercendo a

sua ação de salvação através do empenho concreto daqueles que, unidos apenas pelo desejo de servir os irmãos, carregam — juntos — a sua dor. *Hoje, neste santuário dedicado a Maria, Nossa Senhora da Paz, pedimos um segundo dom: torna-me capaz de colaborar com os outros para o bem de todos e — sobretudo — dos mais frágeis, oferecendo aquilo que posso e vencendo a tentação desse individualismo cético ou, por vezes, arrogante que me afasta dos irmãos na missão de cuidar de quem mais precisa.*

Por último, na sua Mensagem, o Papa recorda-nos que «servir o próximo é amar a Deus na prática»: por outras palavras, como cristãos, nunca podemos esquecer que o nosso amor pelos outros é sempre uma expressão concreta do nosso amor por Deus e que não poderemos dizer ou pensar que amamos Deus sem passar pelo caminho do amor, ou seja, o amor oferecido ao outro que precisa de nós. A este respeito, no evangelho de hoje, Jesus sublinha por duas vezes a exemplaridade da fé — a relação com Deus — do centurião (cf. Mt 8, 10.13). O amor do centurião por aquele servo doente e a esperança de sentar-se à mesa «com Abraão, Isaac e Jacob no Reino dos Céus» (Mt 8, 11) parecem encontrar precisamente nesta relação com Deus, da qual a fé é expressão, a sua «pedra angular».

Irmãos e irmãs caríssimos, foi esta fé que nos reuniu hoje para celebrar a Eucaristia no 34.º Dia Mundial do Doente! Estamos, na verdade, a abrir-nos, através de um diálogo «familiar» com Deus — como o do centurião — ao encontro de fé com Aquele que, presente e vivo no meio de nós, é o motivo do nosso amor, da nossa esperança e das nossas ações de amor. *Peçamos, portanto, ao Senhor o dom dessa fé que Ele elogia no centurião, enquanto, com as palavras do Salmista, O invocamos, por nós e por toda a humanidade sofredora: «Senhor, ouvi a minha prece e chegue até Vós o meu clamor. [...] Escrevam-se estas coisas para as gerações futuras, e o povo que será reciado louvará o Senhor» (Sal 102 (101), 2.19). Ámen*